

SOBRE UM SUJEITO KATUKINA E UM OBJETO SIKUANI

Francesc Queixalós
(Centre d'Etudes des Langues Indigènes d'Amérique, IRD-CNRS
&
Laboratório de Línguas Indígenas, Universidade de Brasília)

Vou apresentar duas argumentações almejando mostrar que as relações gramaticais são determinadas pelas regras sintáticas e não pelos papéis semânticos. Para esse fim me utilizarei de dados procedentes de duas línguas das terras baixas da América do Sul, tipologicamente muito díspares: o Katukina e o Sikuani¹.

1 O Katukina ilustrado aqui é a variante Kanamari falada no Parque do Vale do Javari, Amazonas. Pertence à pequena família Katukina. Não tem elo genético nenhum com a língua Katukina da família Pano.

1.1 Na cláusula transitiva ativa a manifestação do participante paciente se alinha com a do participante único da cláusula intransitiva. Isso é patente

1) na ordem dos constituintes: esses dois argumentos ocorrem preferentemente em posição pós-verbal;

(1) **Kirak n-a-hikna wa:pa**
Kirak#Contigüidade-3º-Procurar#Cachorro
«Kirak procurou o cachorro»

(2) **tyuku wa:pa**
Morrer#Cachorro
«o cachorro morreu»

2) na não indexação no verbo desses dois argumentos; comparem-se (2) e (3);

(3) **i-hikna wa:pa**
1º-Procurar#Cachorro
«eu procurei o cachorro»

¹ Os dados são do autor. Para mais detalhes sobre dados e análise, veja Queixalós (2000 e no prelo). Agradeço ao Prof. Aryon Rodrigues a revisão de uma primeira versão do manuscrito.

3) na manifestação pronominal desses dois argumentos;

(4) **Kirak n-a-hikna adu**
Kirak#Contigüidade-3º-Procurar#1º
«Kirak me procurou»

(5) **wiwiok adu**
Gritar#1º
«eu gritei»

Nóte-se em (3) a pronominalização original do participante agente de cláusula transitiva, como prefixo verbal.

Os traços até aqui aduzidos para o alinhamento entre os argumentos que manifestam o participante paciente da cláusula transitiva Katukina e o participante único da cláusula intransitiva dizem respeito à codificação dos participantes. Já no nível da estrutura em constituintes esse alinhamento se confirma. Na cláusula intransitiva o participante único é um constituinte e o verbo é o outro constituinte. Na cláusula transitiva o paciente é um constituinte e a seqüência — posta entre colchetes — que exprime o participante agente e o verbo é o outro constituinte:

(6) **[Kirak n-a-hikna] wa:pa**
Kirak#Contigüidade-3º-Procurar#Cachorro
«[Kirak procurou] o cachorro»

Prova disso é o paralelismo entre essa seqüência *agente + verbo* e a seqüência constituída de

- *nome + posposição* num sintagma posposicional

(7) **[aponhanya n-a-katu]**
SuaIrmã#Contigüidade-3º-Com
«com sua irmã»

- *nome + nome* num sintagma genitivo

(8) **[ityaro n-a-tyo]**

Mulher#Contigüidade-3º-Filha
«filha da mulher»

Na cláusula, as propriedades de codificação dos argumentos junto com as de estrutura em constituintes identificam um padrão nítidamente ergativo. Chamo de *atante I* os dois argumentos alinhados entre eles — único de intransitivo, paciente de transitivo — e de *atante II* o outro argumento da construção transitiva — o agente.

1.2 Passamos agora a examinar uma série de processos que confirmam, já no nível sintático, o alinhamento da expressão do paciente da cláusula transitiva com a expressão do participante único da cláusula intransitiva. São processos decorrentes da estrutura em constituintes.

No que tange à *elisão*, esses dois argumentos podem ser elididos — em condições pragmáticas idôneas (contexto, situação) — sem conseqüências para a estrutura da cláusula.

(9)a **tyuku wa:pa**
Morrer#Cachorro
«o cachorro morreu»

b **tyuku**
«morreu»

(10)a **Kirak n-a-hikna wa:pa**
Kirak#Contigüidade-AtanteII3º-Procurar#Cachorro
«Kirak procurou o cachorro»

b **Kirak n-a-hikna**
Kirak#Contigüidade- AtanteII3º-Procurar
«Kirak o procurou»

Não assim quando se trata de elidir o agente da cláusula transitiva.

(11)a **Kirak n-a-hikna wa:pa**
Kirak#Contigüidade- AtanteII3º-Procurar#Cachorro
«Kirak procurou o cachorro»

b **a-hikna wa:pa**
AtanteII3°-Procurar#Cachorro
«procurou o cachorro»

Observe-se a queda do prefixo que marca a contigüidade entre o verbo e o seu argumento interno em (12)*b*.

O *movimento* de constituintes revela o mesmo comportamento nas manifestações do participante único intransitivo e do paciente do transitivo. Se os deslocamos para a região preverbal, obtemos

(12)*a* **tyuku wa:pa**
Morrer#Cachorro

b **wa:pa tyuku**
Cachorro#Morrer

«o cachorro morreu»

e

(13)*a* **Kirak n-a-hikna wa:pa**
Kirak#Contigüidade-AtanteII3°-Procurar#Cachorro

b **wa:pa Kirak n-a-hikna**
Cachorro#Kirak#Contigüidade-AtanteII3°-Procurar

«Kirak procurou o cachorro»

A única mudança observada é o próprio deslocamento. Já o deslocamento do argumento interno se traduz pela forma de não contigüidade do verbo, revelando uma mudança estrutural no sintagma verbal.

(14)*a* **nyama n-a-kiunyuk aokpu**
Mãe#Contigüidade-AtanteII3°-Pentear#SeuFilho

b **a-kiunyuk nyama aokpu**
AtanteII3°-Pentear#Mãe#SeuFilho

«a mãe penteou seu filho»²

A *separabilidade* do verbo e do seu argumento único ou paciente de transitivo se evidencia nos exemplos a seguir.

(15)*a* **kitan wa:pa dawa**
Dormir#Cachorro#DeNovo

b **kitan dawa wa:pa**
Dormir#DeNovo#Cachorro

«o cachorro dormiu de novo»

(16)*a* **mapiri n-a-duni takara dawa**
Cobra#Contigüidade-AtanteII3º-Pegar#Galinha#DeNovo

b **mapiri n-a-duni dawa takara**
Cobra#Contigüidade-AtanteII3º-Pegar#DeNovo#Galinha

«a cobra pegou a galinha de novo»

A inserção de **dawa** entre o verbo e seu argumento interno é impossível.

(17) ***mapiri**_{ERG} **dawa n-a-duni takara**
Cobra#DeNovo#Contigüidade-AtanteII3º-Pegar #Galinha

A forma mais aproximada a (17) que o falante consente em proferir é

(18) **mapiri dawa a-duni takara**
Cobra#DeNovo#AtanteII3º-Pegar #Galinha

«a cobra pegou a galinha de novo»

onde se assiste à quebra da relação do argumento agente com seu verbo, quebra manifestada pela queda da marca de contigüidade³.

² As traduções idênticas das duplas *a* e *b* revelam simplesmente a ignorância em que o autor está das conseqüências pragmáticas desses processos. Fica, outrossim, pendente a identificação da função sintática do elemento «mãe», **nyama**, no último exemplo.

1.3 Em vistas às limitações de espaço, só mencionarei outra série de processos sintáticos que confirmam o alinhamento do argumento único da cláusula intransitiva e o argumento paciente da cláusula transitiva. Esses processos revelam que os dois elementos mencionados tem acesso direto às operações de *focalização*, *interrogação* de constituinte, *pronominalização* por demonstrativo, *relativização*, *nominalização*. Já o argumento agente da transitiva só tem acesso a essas operações mediante sua transformação em argumento único do verbo intransitivizado. Este recebe um prefixo invariável na posição do paradigma de formas pessoais agente. O participante paciente não se menciona (em princípio). Dou, em (19)c um exemplo dessa construção antipassiva.

(19)a **i-pu tu barahai**
AtanteIII^o-Comer#Negação#Carne
«eu não comi carne»

b **i-pu tu**
AtanteIII^o-Comer#Negação
«eu não a comi»

c **wa-pu tu adu**
Antipassivo-Comer#Negação#Eu
«eu não comi»

A forma «eu» em *c* é idêntica à da cláusula intransitiva. Corresponde à do atante I. Compáre-se com (5).

Dou agora um exemplo de processo em que se torna patente o alinhamento entre o argumento paciente da transitiva e o argumento único da intransitiva: a nominalização. Esta se faz mediante a marca dêitica **nyan** em posição postverbal. Vejamos a nominalização de um verbo intransitivo :

(20)a **kitan wa:pa**
Dormir#Cachorro

³ Aplicam-se aqui as considerações da nota que precede, sendo a função do elemento «cobra» a que fica à espera de identificação.

«o cachorro dormiu»

- b* **kitan nyan**
Dormir#*Dêitico*
«o dormidor»

A nominalização de um verbo transitivo sobre seu paciente:

- (21)*a* **a-wahak barahai**
AtanteII3º-Cozinhar#CarneDeCaça
«ele cozinhou carne de caça»

- b* **a-wahak nyan**
AtanteII3º-Cozinhar#Dêitico
«a coisa cozinhada (por ele/alguém)»

Tratando-se da nominalização de um verbo transitivo sobre seu agente, o processo fica bloqueado, a não ser que o verbo adote sua forma antipassiva. A partir de (21)*a*:

- (22) **wa-wahak nyan**
Antipassivo-Cozinhar#Dêitico
«a cozinheira»

O acesso diferencial a este processo se verifica de forma idêntica nas mencionadas focalização, interrogação, pronominalização, relativização.

1.4 Em Katukina, pois, a codificação («morfologia») e o comportamento (sintaxe) dos argumentos selecionam o paciente do transitivo como tendo as mesmas propriedades formais que o sujeito do intransitivo. Com uma ressalva significativa que veremos mais adiante.

2 O Sikuni pertence a família Guahibo, falada na região do médio Orenoco, em territórios colombiano e venezuelano. É também conhecido como Guahibo ou Jiwi.

2.1 O verbo trivalente Sikuni, cujo protótipo considerarei ser «dar», organiza gramaticalmente seus participantes de tal maneira, que o

iniciador capta a função sujeito e os outros dois, transferido e destinatário, ficam com a função objeto. Simplificarei a terminologia falando em, respectivamente, agente, paciente e destinatário para esses papéis semânticos. O que nos interessa aqui é a base sobre a qual se instaura uma clara assimetria entre os dois objetos, que leva a hierarquizá-los entre eles.

A projeção dos participantes paciente e destinatário sobre os argumentos sintáticos indica essa língua como sendo do tipo que Dryer (1986) denomina de *objeto primário / objeto secundário*. Isto é, as propriedades morfológicas e sintáticas captadas pelo participante destinatário fazem dele o argumento proeminente no âmbito dos objetos. Essa situação inverte, na perspectiva de Dryer, a das línguas providas de *objeto direto / objeto indireto*, em que é o participante paciente que constitui argumento proeminente.

2.2 Na sua morfologia, o verbo intransitivo tem um sufixo que representa seu argumento único. Já o verbo divalente leva um sufixo para o participante agente e um prefixo para o outro participante. Em termos de codificação («morfologia»), o alinhamento se faz, em situações não marcadas, entre o agente de transitivo e o participante único do intransitivo. Na expressão de eventos prototipicamente transitivos ativos, o agente se manifesta como atante I (alinhado com o argumento único do intransitivo) e o paciente como atante II. Dois exemplos para se observar esse tipo de alinhamento:

(23)a **nihamonae mahitarubena-ø**
TuaFamília#Dormir-AtanteI3°
«tua família dormiu»

b **nihamonae ka-konita-ø**
TuaFamília#AtanteII2°-Espancar-AtanteI3°
«tua família te espancou»

Se comparamos agora (24) com (23)b, observamos que o destinatário da construção trivalente se alinha com o atante II da construção divalente — nos exemplos, prefixo de segunda pessoa.

(24) **nihamonae ka-rahuta-ø duhai**
TuaFamília#AtanteII2°-Dar-AtanteI3°#Peixe

«tua família te deu peixe»

Por sua vez, o paciente da construção trivalente apresenta duas propriedades: 1) o sintagma nominal que o expressa não leva marca de função (nessa língua, sufixos ou posposições); o que o identifica, junto ao agente e ao destinatário, como argumento nuclear do verbo; 2) ele não é indexado pronominalmente no verbo, à diferença dos outros dois argumentos nucleares. A nível de codificação, chamo esse argumento de *atante III*.

2.3 Passemos a examinar a sintaxe. Mecanismos de focalização e correferência hierarquizam os argumentos do transitivo ativo de tal maneira, que aquele que representa o agente se alinha com o argumento único do intransitivo e capta a função de *sujeito*. O outro argumento do transitivo fica com a função *objeto*. Como em Katukina, temos uma boa superposição das hierarquias de codificação e comportamento. Já a projeção de papéis semânticos sobre a forma dos argumentos identifica o Sikuani como tendo um padrão acusativo.

No que tange às construções trivalentes, a sintaxe confirma o alinhamento do destinatário com o objeto único do verbo divalente. Existe uma construção caracterizada morfossintaticamente pela saturação não referencial do lugar do sujeito de transitivo. Destarte, fica como único argumento nuclear do verbo aquele que representa o paciente de transitivo.

(25)a **Nusalia_i Hialai_j Ø_j-hunata-Ø_i**
Nusalia#Hialai#AtanteII3°-Chamar-AtanteI3°
«o Nusalia chamou a Hialai»

b **Hialai_j Ø_j-hunata-tsi**
Hialai#AtanteII3°-Chamar-AtanteINãoReferencial⁴
«a Hialai foi chamada»

Esse equivalente pragmático do passivo — relegação do agente —, que só ocorre com objeto de terceira pessoa, tem sua contrapartida na construção trivalente.

⁴ Procede da marca de primeira pessoa plural inclusiva.

- (26) **Rosalba kaebaxuto ø-kowaita-tsi**
Rosalba#UmLivro#AtanteII3º-Emprestar-AtanteINãoReferencial
«à Rosalba lhe emprestaram um livro (*lit.* Rosalba foi emprestada um livro)»

Resta demonstrar que «Rosalba», e não «livro», é em efeito o participante correferenciado no verbo (prefixo ø-), firmando assim a preeminência, no âmbito dos objetos, do destinatário sobre o paciente por ser o único em acessar a passivação. Sendo que não ocorre passivo com pessoa intralocutiva, o teste consistente em fazer variar a pessoa do prefixo não se aplica. No entanto, a capacidade do destinatário de controlar a correferência verifica a proposição, alinhando-o com

o sujeito do intransitivo:

- (27) **[itsa tsewa-ø; baha]**
atuxuhibi-ø; baha
Concomitância#Secar-AtanteI3º#Concluído
NãoTerCheiro-AtanteI3º#Concluído
«quando seca; não tem; mais cheiro»

o sujeito do transitivo divalente

- (28) **Palupaluma; ø; ewetabiaba-ø; pexi; baha**
[itsa ponabiaba-ø; Newüthünühawa beria]
Coelho#AtanteII3º-RepararEm-AtanteI3º#Filhotes#Concluído
Concomitância#IrIterativamente-AtanteI3º#CasaDaOnça#...
NaDireçãoDe
«o Coelho; reparava nos filhotes quando ia; para a casa da Onça»

o sujeito do transitivo trivalente

- (29) **[pe;-na-marue-kaponaponae-hawayo]**
ø;-rahuta-ø; peruhuwayo;
Dépendência3º-Reflexivo-Mantimento-Levar-UmaParte
AtanteII3º-Dar-AtanteI3º#Velhinha
«ele; deu à velhinha uma parte do mantimento que levava; para si mesmo»

Antes de passar para o passivo de trivalente, vejamos como no passivo de divalente o atante II controla a correferência:

- (30) **baharapowa_i Ø_i-namataxünabiaba-tsi**
[pabia itsa pona-Ø_i]
EssaMulher#AtanteII3°-AcharIterativamente-AtanteI...
NãoReferencial
ParaARoça#Concomitância#Ir-AtanteI3°
«essa mulher_i era abordada quando ia_i para a roça»

Mesma capacidade para o destinatário do passivo de trivalente:

- (31) **nexatha peri baha Ø_i-rahuta-tsi**
[ria-Ø_i baha]
Então#Beiju#Concluído#AtanteII3°-Dar-AtanteINãoReferencial
Partir-AtanteI3°#Concluído
«então a ele_i lhe_i deram (*lit.* ele_i foi dado) beiju e foi_i, embora»

Só mencionarei que a focalização dá resultados idênticos no que diz respeito ao alinhamento sintático entre o sujeito do intransitivo, o sujeito dos transitivos di- e trivalente, o atante II de divalente passivizado e o atante II — destinatário — de trivalente passivizado. Com isso considero ter demonstrado não só a preeminência sintática do destinatário sobre o paciente no âmbito dos objetos de trivalente, como também a captação de propriedades de sujeito pelos atantes II de divalente e de trivalente na construção passiva. Note-se que a promoção sintática induzida nesses argumentos pela passivização — tornam-se sujeitos — ocorre apesar de eles não serem promovidos morfológicamente — ficam marcados como atante II ou acusativo.

3 Na língua Katukina as propriedades sintáticas que convergem sobre o argumento representando o paciente da construção ativa transitiva coincidem com aquelas que nas línguas de padrão acusativo convergem sobre o argumento que representa o agente da mesma construção ativa transitiva. No padrão acusativo, aquelas propriedades são consideradas como estabelecendo a base da identificação do sujeito por aqueles que vêm na sintaxe o único nível em que é pertinente, em sincronia, a noção de relação gramatical, sendo as noções de caso e de papel semântico pertinentes em outros níveis de estruturação da participação (morfológico

e semântico, respetivamente). Proponho que no padrão ergativo tal como manifestado pela língua Katukina (a chamada ergatividade sintática) seja reconhecido o fato de esse mesmo conjunto de propriedades identificar como sujeito o paciente de transitivo. Em outras palavras, não há motivo para deixar o nível semântico interferir na determinação da hierarquia sintática dos argumentos.

A ressalva anunciada acima diz respeito ao controle da correferência. Os dados do Katukina revelam uma indeterminação nesse tema, já que, no estado atual do conhecimento, tanto o paciente quanto o agente da construção transitiva podem controlar a correferência. Faço a hipótese de que a inexistência de um pivô referencial nítido constitui o primeiro indício de que a língua entrou num processo diacrônico de deriva, na direção do padrão acusativo. Por trás dessa hipótese está a intuição de que, em decorrência do jeito em que os falantes organizam seu discurso, a correferencialidade seria universalmente o elemento fraco do dispositivo que fundamenta um padrão de ergatividade sintática. Insisto que essas idéias se acham ainda em fase de gestação inicial.

Adotando a mesma visão sintaticista das relações gramaticais, direi que, se os critérios que identificam o argumento destinatário do verbo trivalente Sikvani como objeto preeminente são de mesma natureza que aqueles reconhecidos para o Português como identificando o objeto direto, como de fato são — no caso, a capacidade de se promover a sujeito de passiva —, resulta ilógico recusar-se a reconhecer no destinatário Sikvani um objeto direto e no paciente um objeto indireto. Muito a pesar de que a projeção de papéis semânticos sobre funções sintáticas se apresente, no que tange aos objetos de trivalente, exatamente em quiasma entre Sikvani e Português. Tal premissa implica a inutilidade de uma distinção, no nível da sintaxe, entre o padrão objeto direto / objeto indireto e o padrão objeto primário / objeto secundário.

Afinal de contas, os mecanismos pelos quais os argumentos se hierarquizam na sintaxe são em número finito, muito finito mesmo, e por esse motivo é de se esperar que se apresentem de forma recorrente nas gramáticas das línguas. Não considero demonstrado que a projeção mútua dos planos de estruturação — sintaxe, morfologia, semântica, até pragmática, que não mencionei aqui — institua padrões *sintáticos* diferenciados. Com toda a certeza existem tendências interlingüísticas

nessa projeção, mas a evidente falta de biunivocidade entre os planos, visível em qualquer língua, é a melhor prova da sua existência como tais.

REFERÊNCIAS

- Dryer, M. S. 1986 «Primary Objects, Secondary Objects, and Antidative». *Language*, 62.4, pp. 808-845.
- Queixalós, F. 2000 *Syntaxe sikuani* Louvain, Peeters.
- Queixalós, F. (no prelo) «Ergativitat i relacions gramaticals en katukina», Universitat de Barcelona.